

AMOSTRAS TEXTUAIS

Victor Moura

ESCRITOR E PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Poema: retirado do livro "Desencanto em Trevas"

a morte de todas as coisas boas

foi quando o brilho do olhar lúdico se esvaiu
arrastando consigo toda centelha de vida,
todos os resquícios de significância

foi naquele dia que mergulhamos em ânsia
alheios às mudanças a nós submetidas,
trancafiados em nossos dias vazios

ah, nos perdemos dentro de nossas próprias razões
arrastamo-nos nesta árida imensidão cinzenta
onde os grânulos são negros feito as mistificações
a esmo condenados a nadar nestes oceanos de cinzas

o sol repousou para depois da lua
deixando os dias escuros como o céu poluído da metrópole
a lua foi brincar para depois dos astros
fazer visita às irmãs que viviam em júpiter

ah, a vida perdera o sentido, perdera seus porquês
agora vaga por aí, trocando ideias na esquina
da constelação de áries com a já finada morte
que por detrás do capuz obscuro suspirava em sussurros:

— no final, querida vida, pouco importa...

Prosa: trecho de "HOMENS NÃO AMAM"

Aos olhos de Fragoso sentir era uma falha. Sempre o fora. Encarava sua própria tez no espelho, o reflexo revelava suas imperfeições, mas via-se como perfeito. Não sabia sentir, mas era perfeito, logo o erro estava em sentir. Não houve um dia de sua vida em que amou alguém que não fosse ele mesmo. Não amou os filhos, as mulheres, os irmãos, as tias, os primos, os companheiros de batalhão, as vadias da esquina da Rua 13, os generais sobre sua cabeça, os soldados sob seus pés, os dias ensolarados, os dias nublados. Tampouco amara a avó, o avô, os canários douradinhos engaiolados da casa de veraneio, o cachorro que ganhou aos cinco anos, o garoto que jogou da escada aos oito, as insuficiências, o dinheiro, o pôr do sol, a pátria. Esforçou-se para amar a mãe. Seu pai também nunca amou ninguém que não fosse ele mesmo.

A ausência de sentir que lhe cingia o peito facilitou seus dias. Não ficou chocado com a queda de Jango, tampouco contente com a ascensão de Castello Branco. Sempre seguiu ordens, sua promoção à subtenente se dera, principalmente, por sua obediência. Como exibia aquela farda cor de merda, os losangos dourados sobre os ombros. Tinha sina de soldado, pouco importava quem apontasse, desde que apontasse. E apontaram, como apontaram. Escovou rejuntas com o corpo prostado ao chão, limpou banheiros como quem purificava o mundo. Tinha dificuldade de apontar, inda jovem, quando fora cabo, fazia mais ser soldado do que ser cabo. Passava os dias com os recrutas, não os orientava, não sabia apontar, mas auxiliava nos trabalhos braçais. Há quem diga que era feito de trouxa pelos meninos que abusavam de sua boa-fé. Dera fosse boa-fé, Fragoso fazia questão de realizar as atividades mais banais, pois em seu íntimo tinha certeza de que era o único verdadeiramente competente. Qual competência há em escovar rejuntas?

Prosa: trecho de "O Silêncio das Corujas"

Um grito cortou a noite, ressoou indiferente aos deuses, dilacerando os ventos daquele inverno sem recar. Carregava em seu timbre um agudo dum ensurdecer aterrorizante. Um nó envolvia a garganta de Mierlis, porém seus olhos não esboçavam resquício algum de medo. A pequena dama, que apertava forte os pequenos punhos por debaixo das peles grossas de seu leito, não temia o grito. Não há nada mais humano que o desespero escapulindo pela garganta. Não havia motivos para temer a humanidade. O nó, já envolto, agarrava-se não pelo agudo, e sim pela familiaridade presente naquela voz. O corpo de Mierlis estremeceu. Havia motivos de sobra para temer a familiaridade. Não era uma voz alheia, distante ou indiferente. Era familiar, exageradamente familiar. “Mãe...” ela pensou, enquanto sua pequenina mente degustava a pequenina palavra de instintos continentais. Seu coração batia forte, e a cada batida o nó torcia e o ar lhe faltava. Decidiu então levantar-se. Tocou os pezinhos pálidos e descalços no chão atapetado, ainda sentindo o frio das pedras por debaixo da fina camada de peles. Olhou para a pequena janela que sobrepunha a cama. Era uma noite escuríssima, e a luz cândida das luas não alçavam voo por aquelas bandas do castelo. O vidro, negro por ousar refletir o negrume da noite, embaçava-se por conta da temperatura externa. Mierlis respirou lentamente, buscando desatar o nó que lhe tomava a garganta. Esperou um instante, daqueles que ocorrem numa metade e valem por duas eternidades. O silêncio corroía suas conjecturas. Resolveu, finalmente, que deveria ir ver o que havia acontecido.

Apanhou um castiçal de prata puríssima que repousava sobre sua cômoda, suportava somente uma vela, e isso era suficiente. Mierlis segurava-o contra o peito. A respiração pesada e pausada, que caçava algum sinal de calma, conduzia o pequeno facho de fogo num bruxulear hipnotizante. Ela se aproximou a passos curtíssimos da porta, a pressa costuma tomar posse das situações, ela sabia disso, e isso bastava. Encostou os dedinhos na maçaneta, geladíssima! Sentiu um arrepio percorrendo seu corpo às pressas, sua mão direita, que inda segurava o castiçal junto ao coração, manteve-se firme, como tinha de se manter.